

REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA 2



MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO  
ELCIONE CARVALHO SANTOS  
JOSÉ DONIZET LOBO  
(ORGANIZADORES)

REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA 2



MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO  
ELCIONE CARVALHO SANTOS  
JOSÉ DONIZET LOBO  
(ORGANIZADORES)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
Elcione Carvalho Santos  
José Donizet Lobo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elcione Carvalho Santos, José Donizet Lobo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0264-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.640221205>

1. Filosofia. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Santos, Elcione Carvalho (Organizadora). III. Lobo, José Donizet (Organizador). IV. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Caros leitores, saudações.

Apresentamos o e-book “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia 2”, composto de três capítulos organizados por pesquisadoras/es do Brasil e da Colômbia, que orquestram o discurso de forma reflexiva em torno da Filosofia e da História da Filosofia, perpassando pelos seguintes liames: Consumo, Cultura, Êxtase, Instintos, Liberdades, Mística, Nietzsche, Noite escura, Pós-modernidade, Razão, Sociedade de consumo, Vontade e Gênero. Para os autores do capítulo 1 - Existe uma relação entre os preceitos sociais do projeto de pós-modernidade e o fenômeno de desumanização, que teve impacto na vida das pessoas. Estes, na sua ânsia de encontrar um estatuto social que os conduza ao sucesso, puseram em prática estes cânones, assumindo-os como normas que os ajudarão a superar uma série de necessidades derivadas da sociedade de consumo, que os programaram para legitimar estas crenças através da sua prática, e como resultado, tornaram-se sujeitos egoístas e narcisistas, dispostos a explorarem-se a si próprios na busca do sucesso e a exporem-se como produto de mercado, perdendo a sua vontade no processo e agindo condicionados às regras neles implantadas, que os fazem funcionar como uma máquina. Os autores do capítulo 2, objetivaram discutir alguns elementos relacionados às experiências místicas vividas e descritas por São João da Cruz no seu escrito “a noite escura da alma”. Segundo os autores, tais experiências, possivelmente se deram durante o período de cárcere, entre 1578 e 1579. Os autores do capítulo 3, buscaram realizar uma investigação do papel dos instintos de crueldade e de agressividade na filosofia de Nietzsche de como eles foram canalizados durante o processo civilizatório. Iniciaram investigando a composição orgânica do homem e a explicitação de como o homem ‘salta’ de sua mera condição biológica para se tornar um ser de cultura. Na sequência, tomaram como referência o procedimento genealógico e a fisiopsicologia, presentes no pensamento de Nietzsche, procurando elucidar o processo formativo do homem, mediante o nascimento da memória-da-vontade e da moralidade do costume fazendo com que o homem se tornasse responsável pela palavra empenhada. No capítulo 4, os autores propõem problematizar sobre a mulher na Grécia antiga a partir do mito de Medeia. Isto dito, desejamos a todas/os uma excelente leitura.





Marcelo Máximo Purificação

Elcione Carvalho Santos

José Donizet Lobo



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
POST-MODERNITY AND DEHUMANIZATION: A REFLECTION TO RETHINK THE PLACE OF THE INDIVIDUAL AND THEIR HAPPINESS	
Adriana Obando Aguirre	
Cristian Zapata Arboleda	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212051">https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212051</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
APONTAMENTOS SOBRE A MÍSTICA DE SÃO JOÃO DA CRUZ: UM OLHAR SOBRE A OBRA “A NOITE ESCURA DA ALMA”	
Mauricio Silva de Andrade	
Marcio Bogaz Trevisan	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212052">https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212052</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
A CRUELDADE E A AGRESSIVIDADE EM NIETZSCHE	
Tarcísio Martins de Oliveira	
Ângela Zamora Cilento de Rezende	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212053">https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212053</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>47</b>
ENSINO DE FILOSOFIA E O LUGAR SOCIAL DA MULHER NO MITO DE MEDEIA	
Elce Nunes Nogueira da Costa e Nogueira	
Marcelo Máximo Purificação	
Maria Filomena Rodrigues Teixeira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212054">https://doi.org/10.22533/at.ed.6402212054</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>57</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>59</b>

## ENSINO DE FILOSOFIA E O LUGAR SOCIAL DA MULHER NO MITO DE MEDEIA

*Data de aceite: 02/05/2022*

### **Elce Nunes Nogueira da Costa e Nogueira**

Graduada em Letras pelo Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Mato Grosso – UNEMAT

### **Marcelo Máximo Purificação**

Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Coimbra – UC. Doutor em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás. Professor Titular C-II, no Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES- GO

### **Maria Filomena Rodrigues Teixeira**

Doutora em Didática pela Universidade de Aveiro. Professora Coordenadora no Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC-Portugal

Artigo publicado em primeira versão na Revista Educação, Psicologia e Interfaces., v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/13>.

**RESUMO:** O presente artigo propõe problematizar sobre a mulher na Grécia antiga a partir do mito de Medeia, presente na tragédia escrita por Eurípides. Para isso, optou-se por trabalhar com o mito analisado como um documento histórico e que possibilita problematizar a situação da mulher na Grécia antiga. Algumas indagações sobre

quem é Medeia foram pertinentes: uma mulher má e vingativa? Uma mulher enlouquecida pela paixão e pela traição do homem que amava e por quem havia traído a família, assassinado seu irmão, levado à morte o rei de lolcos? Ou seria vítima da loucura do desejo carnal e ambicioso de seu esposo? Ou, ainda, uma mulher marcada pelas questões sociais, históricas e culturais, sobretudo as relacionadas ao ser do sexo feminino na sociedade antiga? Em Medeia é possível observar a representação do sexo feminino livre das normas e regras impostas pela sociedade grega. A personagem é singular e, pelas atrocidades que comete, pode ser tida como louca e/ou vingativa, mas é uma fonte de reflexão social sobre a mulher no cenário da Grécia. Assim, tem se em Medeia características além da loucura e da maldição, a exemplo, de um olhar crítico para o ser feminino e as suas características a ela imputadas pelo patriarcado: ser dócil, mãe e retraída, que simbolizavam, perante as normas e a moral da época, a dignidade da mulher. Medeia pode ser interpretada como a busca de liberdade e autonomia, de um lugar para o “eu” do sujeito feminino que no seu contexto sócio histórico e cultural era atravessado pela exclusão e preconceito. Também pode ser observada a relação de poder, os interesses econômicos e sociais que influenciavam as relações familiares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino. Filosofia. Mito de Medeia. Mulher.

## THE TEACHING OF PHILOSOPHY AND THE SOCIAL PLACE OF WOMEN IN THE MEDIUM MYTH

**ABSTRACT:** The present article proposes to problematize on the woman in ancient Greece from the myth Euripides' Medea. For this, we chose to work with the myth that is analyzed as a historical document that makes it possible to problematize the situation of women in ancient Greece. Some inquiries about who Medea were pertinent: a bad and vindictive woman? A woman maddened by the passion and betrayal of the man she loved, and by whom she had betrayed her family, murdered her brother, put to death the King of Iolcos? Or would she fall prey to the folly of her husband's carnal and ambitious desire? Or is it a woman marked by social, historical and cultural issues, especially those related to being female in ancient society? In Medea it is possible to observe the representation of the female sex free from the norms and rules imposed by the Greek society. The personage is singular that, by the atrocities that it commits, can be taken like crazy and / or vengeful, but it is a source of social reflection on the woman in the scene of Greece. Thus, in Medea, characteristic of madness and damnation, for example, a critical look at the feminine being and its characteristics created by the patriarchy, to be docile, mother and withdrawn, symbolized by the norms and morals of the time, the dignity of women. Medea can be interpreted with the search for freedom and autonomy, from a place for the "I" of the female subject that in its socio-historical and cultural context was crossed by exclusion and prejudice. Also, the relationship of power and the economic and social interests that influence family relationships can be observed.

**KEYWORDS:** Instruction. Philosophy. Myth of Medea. Woman.

### 1 | INTRODUÇÃO

O mito eterniza personagens presentes na literatura, dando vida, animando-os para melhor compreensão e análise do cotidiano, dando respostas às questões que a razão humana não pode compreender. Dessa forma o mito tenta explicar o inexplicável. Para Camus ([s/d], p. 113): "Os mitos são feitos para que a imaginação os anime". Há uma reatualização dos mitos, dando vida a personagens, seus feitos, suas glórias e desgraças, iniciando o processo de trazer os mitos para a esfera literária, a exemplo do que Homero fez ainda na antiguidade ao escrever a Ilíada e a Odisseia.

Dentre todos os gêneros literários, o drama grego é o que possui o maior histórico de grandes adaptações dos mitos por dramaturgos como Ésquilo (456 a.C.), Sófocles (406 a.C.), Eurípides (406 a.C.) e Aristófanes (444 a.C.). Esses dramaturgos deixaram várias obras famosas como Prometeu acorrentado, de Ésquilo, Édipo Rei, de Sófocles, As bacantes, de Eurípides e a comédia Lisístrata, de Aristófanes.

Com o foco no drama Medeia, de Eurípides, é importante conhecer melhor esse gênero literário, o drama. A respeito dotema, Soares (1989) percorre de forma panorâmica a trajetória da teoria dos grandes gêneros literários: o lírico, o e o dramático. Ela lembra que, apesar dessa divisão, os gêneros literários estão em constante contato, sofrendo transformações, em intercâmbios de linguagens e formas. Todo esse jogo de trocas está

vinculado às questões históricas e culturais.

Especificamente sobre as formas dramáticas, a referida autora começa pela origem da palavra “drama”, que vem do grego dráo, que significa “fazer”; na concepção grega e que, no âmbito da literatura, implica em ação, representação. Desse modo, o gênero dramático se caracteriza pelo fato de ser escrito para ser representado para um público. A dramatização do texto, na prática, dispensa um narrador, visto que as ações se desenrolam à vista do espectador, a partir das falas dos personagens e das rubricas (indicações que normalmente vêm entre parênteses e que orientam as ações que os atores devem seguir).

Soares (1989) lembra também que, como parte do gênero dramático, a unidade de ação articula-se a outras unidades, compondo uma narração, dividida em atos e cenas. Os diálogos formam a base do texto dramático, mesmo em um monólogo, visto que o ator em cena “conversa” com alguém, fala com alguém.

No que se refere aos traços e formas dramáticas, a mesma autora apresenta tal gênero com três formas: a tragédia, a comédia e o drama. Emil Staiger (1972 Apud SOARES, p. 59) vê dois pontos fundamentais no drama: o pathos e o problema. O primeiro diz respeito à emoção, à entonação, ao fluxo da voz, fundamental para envolver o público; o segundo trata da ação em si, ou do enredo que gera o encontro dos personagens.

A tragédia foi a maior expressão literária da Grécia clássica. Aristóteles (1985) tratou a tragédia como a mimesis de um ato representado por pessoas de notável psique, com a intenção de possibilitar sensações como terror e piedade, levando à libertação das emoções. O herói é posto sempre entre duas grandes forças opostas: seu caráter (ethos) e o destino (dáimon), movimentando-se em um mundo trágico.

O herói é submetido a um desequilíbrio (hybris), sendo levado inconscientemente ao erro (falha trágica), destruindo dessa maneira o seu mundo. Considerando essa estrutura clássica, o texto de Sófocles, Édipo Rei, assume um papel importante e exemplar na literatura dramática, sendo considerado por alguns críticos como a maior tragédia do teatro grego, na qual os liames da cultura se materializam, tornando a narrativa compreensível e o texto agradável.

Aristóteles (1985) caracterizou a tragédia em seis elementos: fábula (ação ou enredo); caracteres (personagens ou ethos); evolução (elocução ou dicção); pensamento (dianoia); o espetáculo em cena e o canto (melopeia). Destacando a fábula (ação ou enredo), mediante a mimese, ela se inter-relaciona e dá origem à unidade de ação a fim de que exista o desfecho.

O autor da tragédia precisa desenvolver os seguintes elementos: nó (ou Ágon, o conflito em si); reconhecimento (Anankê, o destino, a inevitabilidade), a peripécia (acontecimento imprevisível que altera o rumo da história) e o clímax (o desfecho). Todas essas etapas são reconhecidas em Medeia, de Eurípidés. Ainda é preciso dizer que o trágico está intimamente ligado à destruição da razão de uma existência impelida por uma fatalidade. Grandes personagens estão ligados a essa lógica da tragicidade, seja nos

dramas ou nas narrativas.

Tomando como ponto de partida o mito de Medeia, Rosenfeld (1999), afirma que uma personagem atinge uma validade universal quando ligada à experiência estética e à participação emocional, tornando-se figura fundamental na composição da obra ficcional; ou seja, a ficção possibilita ao ser humano vivenciar momentos extremos. Medeia, figura central do mito que serviu de inspiração para o dramaturgo Eurípidés escrever uma tragédia com o mesmo nome, é uma das mais complexas e intrigantes personagens da literatura.

Medeia é uma princesa da Cólquida, famosa pela prudência, pela arte de curar e pelos poderes mágicos. Enamora-se de Jasão, o líder dos Argonautas, que tinha ido a Cólquida para conquistar o velocino de ouro. Esse herói não teria sobrevivido à tarefa se não tivesse recebido ajuda de Medeia, a feiticeira. Por ter-se apaixonado por Jasão ela resolveu ajudá-lo e livra-o de todos os males, auxiliando-o a vencer os terríveis guardiões do velocino de ouro, por meio de sua feitiçaria. Medeia opõe-se ao pai para ajudar Jasão, salvando a vida do herói grego. Foge com ele de Cólquida e o acompanha à Grécia, em seu navio (LESKY, 1996).

Loucamente apaixonada pelo herói, Medeia, mesmo não tendo certeza do quê? de que era correspondida, foge, apodera-se do irmão, degola-o e despedaça seu corpo e joga os membros no litoral, na certeza de que o rei não iria adiante sem recolher os tristes despojos do filho, a fim de dar-lhe uma sepultura digna, ação realizada com a finalidade de atrasar a perseguição do pai aos aventureiros, o que realmente acontece, ou seja, Eetes desiste da perseguição, ocupando-se em recolher os restos mortais de Apsirto (EURÍPIDES, 1991).

Depois de anos de matrimônio, entretanto, “Jasão abandona a esposa para casar-se com a filha de Creonte, rei de Corinto, que permite que este coloque Medeia e os filhos em um exílio” (EURÍPIDES, 1991, p.92).. Porém, tendo sido expulsa de Corinto, cujo rei temia o poder de sua magia, Medeia aproveita-se do curto espaço de tempo que lhe resta ali e acaba por assassinar Creonte e sua filha, Glauce, a nova mulher de Jasão; por fim, para magoar profundamente Jasão, mata os próprios filhos, pois sabe que tal sofrimento o acompanharia pelo resto de sua vida. Todo o plano é executado.

A partir do mito de Medeia, considerando as questões históricas e culturais da época, o presente artigo propõe problematizar sobre a mulher na Grécia antiga. Para isso, foram adotados os procedimentos metodológicos descritos a seguir.

## 2 | MATERIAL E MÉTODO

Para trabalhar sobre o lugar da mulher na sociedade grega antiga no diálogo com a filosofia e história, optou-se por trabalhar com o mito Medeia. Assim, a metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica que na acepção de Gil (2002, p.44) é realizada tendo como apoio o material disponível, a exemplo de livros e artigos científicos. “Embora em quase todos os

estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”.

O mito de Medeia de Eurípidés é analisado como um documento histórico que possibilita problematizar a situação da mulher na Grécia antiga. Esse procedimento é ancorado em Gil (2002, p.44) ao sinalizar que “a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos”.

### 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do mito da literatura grega Medeia, de Eurípidés, serão problematizadas as questões históricas, sociais e culturais da mulher na sociedade grega. Para isso, parte-se da indagação: afinal, quem é Medeia? Para dialogar sobre essa questão, Cairus (2005, p. 2) nos possibilita algumas contribuições ao pontuar que;

Medeia traz consigo mais um dado de alteridade; ela é uma personagem regida por um estatuto religioso sui generis, um estatuto condizente com sua proveniência meio divina, meio humana, e coroada pelos seus dons mágicos, que se encarregam de estabelecer o contato entre esses dois universos nela presentes. [...] A condição feminina impingia várias privações. Entre outros limites, a mulher estava impedida de ascender ao kléos, ao reconhecimento glorioso que era capaz mesmo de levar os homens a empreitadas suicidas nas guerras.

Medeia é, assim, um mito que narra o drama de uma mulher capaz de fazer qualquer coisa em nome de sua paixão. Por Jasão, Medeia traiu sua pátria, retirando dela o velocino de ouro, traiu sua família, assassinou seu irmão, induziu as filhas de Eetes – rei de Iolcos e irmão do pai de Jasão, que matara e usurpara seu trono – a matarem o pai imerso em água fervente. Porém, sob outro ponto de vista, Medeia representa a mulher livre das normas e regras da sociedade grega bem como reflete elementos da posição social deste sexo (LOPES, 2008).

Além disso, esse mito também demonstra que “as práticas cotidianas dapólis estavam impregnadas por elementos como gênero, sexualidade e poder, e que esses eram as molas mestras das relações sociais inter e intra-grupais estabelecidas naquela dinâmica” (NETO-GUIMARÃES, 2009, p.1).

#### **Medeia, uma Mulher nem Louca e nem Maldita**

Olhando a loucura pelo prisma de Foucault (2010), percebe-se que ela está relacionada à “libertinagem de pensamento e de fala, a obstinação na impiedade ou na heterodoxia, a blasfêmia, a bruxaria, a alquimia – em suma, tudo o que caracteriza o mundo falado e interdito a desrazão; a loucura é a linguagem excluída” (FOUCAULT, 2010, p. 215), o que enquadraria, então, Medeia nesse perfil.

O que torna Medeia uma das personagens mais emblemáticas da mitologia grega é

a sua louca paixão por Jasão, uma paixão unilateral. Quando, movido por outros interesses, Jasão decide abandoná-la para casar-se com Creúza (ou Glauce, ou ainda Gláucia, conforme as traduções), para junto desta princesa reinar sobre Corinto, Medeia o acusa de perjúrio, pois faltou com o juramento feito ainda na Cólquida, e de perfídia, pois fora infiel e desleal com ela.

Medeia faz de tudo para manter seu grande amor, mas, por fim, acaba por ser abandonada e rebaixada ao posto de amante já que Jasão encontra uma nova esposa para seu leito e sua vida. Em vários trechos do drama, ela explicita seu sofrimento, como em: “Ai de mim! Sofro, desventurada, sofro e não posso conter os meus gritos de dor. Malditas crianças de mãe odiosa, morram com seu pai! Que toda a nossa casa pereça!” (EURÍPIDES, 1991, p. 11).

Diante de tanta dor ao ser repudiada por Jasão, Medeia pede por vezes a morte, como forma de alívio, uma vez que ela, que tanto fez para estar ao lado do seu amado, a quem tinha extrema dedicação, via-se agora desamparada pelo seu tutor. “Vemos nas razões de Medeia uma questão religiosa, a do perjúrio perante os deuses; uma questão de ingratidão e de deslealdade em relação a alguém que agiu e se prejudicou por amor; e a questão de uma mulher abandonada do ponto jurídico, sem lar, sem pátria e sem tutor” (TSURUDA, 2009, p. 27). O seu desejo de morte é demonstrado na seguinte fala: “Ah! Que o fogo do céu caia sobre minha cabeça! De que me serve viver ainda? Ai de mim! Ai de mim! Que a morte me traga alívio, e me arranque a uma vida odiosa!” (EURÍPIDES, 1991, p.13).

Jasão, ao fazê-la passar pela humilhação de ser abandonada, de ser trocada por uma mulher mais jovem, fere seu orgulho feminino. Suas palavras são duras com Medeia, acusando-a de ser culpada de tudo e de ter abandonado sua pátria e família. “Lançaste ímpias maldições contra teus reis” (EURÍPIDES, 1991, p. 28). Neste momento, é despertado o ódio da mulher rebaixada por um amor malsucedido, transformado em ira; pode-se sentir tamanho desejo de vingança nesta frase dita por Medeia: “Serei também a maldição de tua casa” (EURÍPIDES, 1991, p. 28).

Quem é Medeia: uma mulher má e vingativa? Uma mulher enlouquecida pela paixão e pela traição do homem que amava e por quem havia traído família, assassinado seu irmão, levado à morte o Rei de Iolcos? Ou seria vítima da loucura do desejo carnal e ambicioso de seu esposo? Ou, ainda, seria uma mulher marcada pelas questões sociais, históricas e culturais, sobretudo, as relacionadas ao sexo feminino na sociedade antiga?

Cabe pontuar que, na Grécia antiga, a mulher era considerada como um ser inferior, símbolo de fraqueza, não usufruía dos mesmos direitos que o sexo masculino e não exercia as mesmas funções (LOPES, 2008). “Discutir era algo exclusivo dos homens, e nada restava às mulheres, que aprendiam, desde muito cedo, a tecer e a cozinhar. [...] O momento de realização da mulher era apenas o destinado ao ofício do matrimônio” (LOPES, 2008, s.p.). Ao contrário desse status da mulher considera-se que;

Medeia é sobretudo uma personagem de inversões. A mesma inversão que poderia provocar o riso na comédia, na tragédia de Medeia pode levar – e leva - ao páthos. Isso porque Medeia, já foi dito, era regida por um estatuto do diferente, e essa alteridade terrificava (CAIRUS, 2005, p. 3).

No mito, Medeia busca incessantemente a vitória em sua própria derrota, já que sofre ao tirar a vida de seus filhos. Sente a dor do abandono, e sofre pela repercussão do repúdio do marido. Ama os filhos, mas os usa como instrumento de vingança contra Jasão. Seus sentimentos são conflitantes, entre a mulher traída e a mãe carinhosa. Medeia opta pelo desfecho mais trágico.

As atrocidades feitas pela protagonista tinham um único “culpado”, o amor pelo mais importante dos argonautas, Jasão, o que fez com que ela cometesse as maiores loucuras já vistas na dramaturgia que a eleva a uma galeria de personagens inesquecíveis. Observa-se que toda as atrocidades feitas por Medeia têm relação direta com a imagem masculina. O que era ser homem e ser mulher na sociedade antiga? Qual era o status atribuído à mulher? E quem de fato era Medeia?

Medeia é, acima de tudo, consciente de sua condição de mulher, inserida numa sociedade comandada por homens. Sabe das sanções, das humilhações e dos preconceitos que sofrerá por ter sido abandonada pelo marido. Medeia reflete sobre a condição frágil da mulher na sociedade, pois o destino de todas é o casamento, dedicar-se à vida doméstica, ao marido, mas se este não cumpre o juramento, os laços que os uniram em matrimônio, à mulher nada resta além de aceitar a situação de abandono, ou seja, a mulher não tem o direito de voz, de reivindicar seus direitos, torna-se, nas mãos do marido, um objeto que pode ser trocado a qualquer momento (COSTA, 2003, p. 66).

Na personagem Medeia observa-se a ambiguidade dos sentimentos, o confronto entre os desejos afetivos e as necessidades impostas pela sociedade grega. Conforme Lopes (2008, s.p.), Eurípedes situa Medeia “como um ser crítico, que busca liberdade e justiça para sua vida, e, sobretudo, exalta a inteligência dessa mulher. Para conseguir tal resultado, ele sublinha na paixão quase demoníaca de Medeia a dependência do mundo e do espaço social em que ela vive”. Esses elementos podem ser percebidos na fala de Medeia.

Eu poderia responder longamente às tuas acusações, se Zeus, meu pai, não soubesse o que fiz por ti e como me foste ingrato. Depois do ultraje ao meu leito, eu não te poderia permitir viver feliz insultando minha dor, nem deixar a filha do rei nem próprio o rei, esse Creonte que a deu a ti, enxotar-me impunemente deste país. E agora me chamas, se quiseres, leoa ou Cila, esse flagelo da costa tirrena. Que me importa? Eu soube, por minha vez, como era preciso ferir-te o coração (EURÍPIDES, 1991, p.56).

Medeia confronta seus mais puros sentimentos maternos, porém, prefere ver seus filhos mortos a fazerem parte de outra família construída por suas lágrimas, culpando Jasão por toda desgraça causada. Essa tensão pode ser percebida no diálogo entre Medeia e Jasão (EURÍPIDES, 1991, p.59),



Jasão: Desgraça, desgraça sobre ti, monstro odioso, carrasco de teus filhos!

Medeia: Volta ao palácio e enterra tua jovem esposa.

Jasão: Volto, ai de mim! Privado para sempre de meus dois filhos.

Medeia: Eles te reservam mais amargas lágrimas, espera pela velhice!

Jasão: Ó meus filhos queridos!

Medeia: Queridos por sua mãe e não por ti.

O diálogo entre Medeia e Jasão demonstra a proposta de Eurípides (1991) quanto ao drama, observado no limite tão tênue e frágil entre o amor e o ódio. Na análise do mito pelo viés da literatura, Eurípides imortalizou a personagem feminina com a ambivalência entre a paixão e o ódio. É interessante observar as considerações de Rougemont (1988, p. 18) sobre o mito, mencionando sua relação com as normas e regras sociais.

[...] Poderíamos dizer, de um modo geral, que um mito é uma história, uma fábula simbólica, simples e tocante, que resume um número infinito de situações mais ou menos análogas. O mito permite a percepção imediata de determinados tipos de relações constantes, destacando-os do emaranhado das aparências cotidianas. Num sentido mais restrito, os mitos traduzem as regras de conduta de um grupo social ou religioso. Têm origem, portanto, no elemento sagrado em torno do qual se constituiu o grupo. (Narrativas simbólicas da vida e da morte dos deuses, lendas que explicam os sacrifícios ou origem dos tabus etc.) [...].

Ele se apresenta como expressão inteiramente anônima de realidades coletivas ou, mais exatamente, comuns. A obra de arte — poema, conto ou romance — distingue-se, portanto, radicalmente do mito. O importante nas obras de arte é precisamente aquilo que não tem importância no mito: sua “beleza” ou sua “verossimilhança” e todas as qualidades singulares que a consagram (originalidade, habilidade, estilo etc.). Mas, o caráter mais profundo do mito é o poder que exerce sobre nós, geralmente à nossa revelia. O que faz com que uma história, um acontecimento ou mesmo um personagem se transformem em mitos é precisamente esse domínio que exercem sobre nós, a despeito de nossa vontade.

Do mito à literatura, Medeia é a personagem singular que, pelas atrocidades que comete, pode ser tida como louca e/ou vingativa. Contudo, esse mito é uma fonte de reflexão sobre a posição social da mulher no cenário da Grécia, no século V a.C.

Na Grécia antiga “a mulher nunca atingia a maioridade legal. Ela deveria ter sempre um tutor que era, sucessivamente, seu pai, seu irmão mais velho, seu marido, um filho já adulto” (TSURUDA, 2009, p. 25). Podia-se também ser “alguém nomeado pelo marido em testamento, ou, alguém nomeado pelo Estado. Assim, ao partir, Medeia seria uma mulher completamente só e desamparada, algo inimaginável para a sociedade ateniense da época” (TSURUDA, 2009, p. 25).

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da tragédia ou mitologia grega presente na obra dramática de Eurípedes - Medeia, personagem que matou por vingança os próprios filhos por ter sido trocada por uma mulher mais jovem - tem-se uma denúncia do lugar que as mulheres tinham nas relações cotidianas presentes nas sociedades antigas.

Assim, Medeia é uma mulher que reflete as características históricas, culturais e sociais de sua época.

Na personagem Medeia podem ser observadas características além da loucura e da maldita, a exemplo de um olhar crítico para o ser feminino e as suas características imputadas pelo patriarcado: ser dócil, mãe e retraída, que simbolizavam, perante as normas e a moral da época, a dignidade da mulher. Medeia pode ser interpretada como a busca pela liberdade e autonomia, de um lugar para o “eu” do sujeito feminino que no seu contexto sócio histórico e cultural era atravessado pela exclusão e preconceito. Também, pode ser observada a relação de poder, os interesses econômicos e sociais perpassadas nas relações familiares.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Poética. In: — et al. **A poética clássica**: Aristóteles, Horácio, Longino. São Paulo, Cultrix, 1985. p. 55-68.

CAIRUS, H. Medéia e seus contrários. **Revista de Letras**, n.27, vol.1/2, Fortaleza, jan. /dez. 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/proaera/Medeia.pdf> Acesso em 20 set. 2017.

CAMUS, Albert. “O mito de Sísifo”. In. **O mito de Sísifo**. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.], p.113-116.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva. (Série Debates).

COSTA, E. B. **A Poética de Aristóteles e a Personagem Feminina na Tragédia Grega**. (Dissertação de Mestrado) UNESP de São José do Rio Preto, 2003.

CUNHA, Hugo de Araujo Gonçalves da. Mulher e Magia em Medeia. **SOLETRAS**. Revista do departamento de Letras da FFP/UERJ, 2013.

EURÍPIDES. **Medeia**. Trad. JAA Torrano. São Paulo: Hucitec, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b. Série Ditos & escritos, v.1.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

NETO-GUIMARÃES, Edson Moreira. **Gênero e Sexualidade na Atenas Clássica**: um estudo comparativo entre as cortesãs e as esposas atenienses. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0836.pdf> Acesso em: jan. 2017.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 4ª. ed., 2001.

LESKY, A. **A Tragédia Grega**. Trad. J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LOPES, Giovana dos Santos. Medéia, de Eurípedes: um olhar sobre tradição e ruptura, na tragédia grega. **Revista Urutágua**, n.º. 14, v.07, 2008. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/014/14lopes.htm> Acesso em: 2 fev. 2017.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1997.

ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 1989.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1972.

TSURUDA, Maria Amália Longo. Medéia: uma discussão sobre a mulher em Eurípedes. **Notandum**. n. 19. Jan/abr 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu/31552927/Med%C3%A9ia\\_uma\\_discuss%C3%A3o\\_sobre\\_a\\_mulher\\_em\\_Eur%C3%ADpides](https://www.academia.edu/31552927/Med%C3%A9ia_uma_discuss%C3%A3o_sobre_a_mulher_em_Eur%C3%ADpides) . Acesso em: 20 set. 2017.

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

**MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO** – Pós-Doutor em Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra - Portugal (PFCE/UC, 2014-2016). Pós-Doutor em Formação Docente, Identidade e Gênero pelo Instituto Politécnico da Escola Superior de Educação de Coimbra - Portugal (ESEC, 2017-2021). Doutor em Ensino (Educação Matemática e Tecnologia - pela UNIVATES, 2018/2022). Doutor em Ciências da Religião (Religião, Sociedade e Cultura/Movimentos Sociais - pela PUC-Goiás, 2010-2014). Doutorando em Educação (Estudos Culturais - pela ULBRA, 2020-). Possui Mestrado Profissional em Teologia - Educação Comunitária, Infância e Juventude (EST/UFRGS, 2008-2009) e Mestrado Acadêmico em Ciências da Educação (UEP, 2007-2009). Graduado a nível de licenciatura em: Matemática (UEG), Pedagogia (ICSH/UFG), Filosofia (FBB) e Ciências Sociais (Faculdade Única) e, bacharelado em teologia (FATEBOV). Atualmente é Professor Titular C-II da Fundação Municipal Integrada de Ensino Superior (FIMES / UNIFIMES) desde 2014 (onde atua em atividades de ensino, pesquisa e extensão na graduação e pós-graduação) e Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás (SEDUC) desde 1999 na área de Matemática. Atua, ainda, como Docente Permanente nos seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Fundação Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), Linha 1 Currículo, Formação Docente e Diversidade (Cooperação técnica nº 1038/2019. Publicado no D. O. nº 10038 de 28/11/2019), Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Faculdade de Inhumas (PPGEDU-FACMAIS), Linha 1 Educação, Instituições e Políticas Educacionais (EIPE) e, do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (Colaboração Técnica, sem vínculo empregatício), na Linha 2 Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES-CNPq); Colíder do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias Sociais e Desenvolvimento no interior do Amazonas (do IFAM). Associado na ANPED/Nacional. Associado na APEDUC - Associação Portuguesa de Educação em Ciências. Membro da Comissão Editorial da Revista Científica em Educação da FACMAIS (2020 -); Membro do Comitê Científico da Editora Atena (2019 -); Editor da Revista Científica Novas Configurações Diálogos Plurais (2020 -). Membro do Comitê Científico da área Ciências Humanas da editora Publishing. Avaliador do Guia da Faculdade (2020-). Avaliador de Cursos e Instituições cadastrado no Conselho Estadual de Goiás - CEE/GO. Pesquisador cadastrado no ORCID e no ResearchGate. Tem experiência na área da Educação atuando no eixo da Diversidade. Atualmente interessa-me pesquisa em dois grupos temáticos: I Processos Educativos: Formação de Professores, Políticas Educacionais, Currículo, Desenvolvimento Profissional, Ensino e Tecnologia; II Estudos Culturais: Identidade, Representação, Gênero, Violência, Negritude, Religiosidade e Cultura.

**ELCIONE CARVALHO SANTOS** - Mestranda em Intervenção Social e Educativa (MPIES) UNEB- Campus XI- Serrinha - BA. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus XI (2005). Também graduada em Letras/Inglês pela

UNISEBcoc (2013) É pós graduada pela FINOM- Faculdade do Noroeste de Minas em Orientação Educacional. Exerce o magistério na rede municipal de Araci, concursada desde 1997, no Colégio Dom Jackson Berenguer Prado, atuando como docente de Língua Portuguesa. Exerceu a Coordenação Pedagógica Fundamental II e Ensino Médio no Colégio Olimpos LTD de 2000 até 2018, atualmente é Coordenadora Pedagógica concursada da Rede Estadual da Bahia-NTE 04, no Colégio Estadual Imaculada Conceição- Araci. É membro da Comissão Municipal de Governança do Município de Araci. Desenvolve trabalhos principalmente nos seguintes temas: leitura, alfabetização, uso das tecnologias na Educação e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

**JOSÉ DONIZET LOBO** – Possui graduação em Ciências Contábeis pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1987), especialização em Auditoria pela Faculdade Anhanguera de Ciências Humanas (1998) e especialização em Administração Gerencial pela Faculdade Anhanguera de Ciências Humanas (1999). Atualmente é mestrando em Educação pela Faculdade Inhumas – FACMAIS.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alma 13, 15, 16, 17, 22, 23, 25, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 40, 44, 45

Amor 12, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 42, 52, 53, 54, 56

Aristóteles 10, 11, 13, 27, 49, 55

### C

Consumo 1, 2

Corpo 20, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 44, 50

Cultura 24, 26, 29, 30, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 49, 57

### D

Deus 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26

### E

Ensino 47, 57, 58

Êxtase 13, 14

### F

Fédon 31, 46

Filosofia 13, 16, 22, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 39, 44, 45, 46, 47, 50, 57

Fisiopsicologia 29, 30, 34, 36, 46

### H

Homem 14, 16, 18, 19, 20, 21, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 52, 53

### I

Instintos 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 44

### L

Liberdades 1

Linguagem 16, 32, 37, 51

### M

Metafísica 12, 13, 27, 30, 32, 33, 34, 36, 41, 44

Mística 13, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28

Mito 47, 48, 50, 51, 53, 54, 55

Mulher 19, 40, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

Mundo 13, 16, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 32, 33, 34, 37, 39, 41, 43, 44, 49, 51, 53

## **N**

Natureza orgânica 29, 30, 37, 42

Nietzsche 7, 11, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

noite escura 13, 16, 25, 26

Noite escura 13, 23, 25, 27

## **P**

Platão 31, 46

Pós-modernidade 1

## **R**

Razão 1, 14, 17, 33, 40, 44, 48, 49

Reflexão filosófica 13, 24, 36

## **S**

Sabedoria 16, 22, 26, 31

São João da Cruz 13, 14, 15, 16, 22, 23, 26, 27, 28

Sociedade de consumo 1

Sócrates 31

## **T**

Teologia 13, 18, 22, 27, 28, 33, 57

## **V**

Vontade 1, 23, 26, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 44, 54


REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA 2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA 2



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](#) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 